

Superando os custos invisíveis dos sistemas alimentares



» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Ex-presidente e pesquisador
da Embrapa

da Agricultura 2024, publicado recentemente pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). O documento lança luz sobre como os custos invisíveis relacionados à saúde, ao meio ambiente e ao bem-estar social afetam populações e economias ao redor do mundo.

Utilizando uma abordagem baseada na contabilidade de custos verdadeiros, o estudo revela uma realidade preocupante: os sistemas alimentares globais geram impactos que ultrapassam a marca de US\$ 10 trilhões anuais. Os custos relacionados à saúde representam 70% desse total, impulsionados por doenças não transmissíveis associadas a dietas inadequadas.

Além disso, os danos ambientais, incluindo emissões de gases de efeito estufa, degradação do solo e poluição hídrica, somam centenas de bilhões de dólares, colocando em risco a resiliência dos ecossistemas. No campo social, as condições precárias enfrentadas por trabalhadores agrícolas e desigualdades econômicas reforçam ciclos de pobreza, gerando impactos críticos difíceis de mensurar.

Esses dados não apenas evidenciam a gravidade dos custos ocultos, mas também fornecem uma base robusta para decisões estratégicas e direcionadas. Ao analisar detalhadamente diferentes tipos de sistemas agroalimentares — desde os tradicionais até os industrializados —, é possível identificar com maior precisão os setores e regiões mais impactados, bem como as áreas em que os investimentos podem gerar mudanças mais significativas e duradouras.

Nos sistemas industrializados, é crucial reduzir os custos de saúde causados pelo consumo excessivo de alimentos ultraprocessados, que contribuem para a epidemia de doenças crônicas, como obesidade e diabetes. Em contraste, nos sistemas tradicionais, a prioridade deve ser o combate à desnutrição e o fortalecimento da segurança

alimentar, com ações direcionadas para melhorar o acesso e a qualidade dos alimentos, atendendo às necessidades urgentes das comunidades.

A abordagem também ajuda a identificar políticas específicas, como incentivos para práticas agrícolas sustentáveis, programas de educação nutricional ou iniciativas para reduzir desperdícios nas cadeias produtivas. Dessa forma, a quantificação dos custos invisíveis não só revela onde estão os maiores gargalos, mas também orienta soluções que promovam transformações positivas nos sistemas alimentares.

Ignorar os custos invisíveis de tais sistemas não é uma opção viável. A crescente conscientização pública e a pressão por maior responsabilidade social e ambiental exigem mudanças estruturais. Reconhecer e enfrentar esses custos é essencial para proteger a competitividade da agricultura e dos sistemas alimentares e assegurar seu papel como motor de desenvolvimento econômico, social e ambiental no longo prazo.

O Brasil, uma das maiores potências agrícolas globais, precisa enfrentar o desafio de alinhar sua contribuição para a segurança alimentar mundial com a necessidade de mitigar os impactos ocultos de sua agricultura. A diversidade de ecossistemas e a escala da produção nacional oferecem oportunidades únicas para implementar práticas que equilibrem produtividade e sustentabilidade.

Na verdade, o nosso país está em posição de se tornar referência na transformação de sistemas alimentares globais. Adotar a abordagem de custos verdadeiros permitirá alinhar políticas e investimentos com práticas sustentáveis e inclusivas. Um esforço coordenado entre governo, setor privado e sociedade civil fortalecerá a nossa liderança, reduzindo custos ocultos e inspirando o mundo com um modelo agrícola que une eficiência, promoção da saúde e bem-estar, e proteção ambiental.

Os sistemas alimentares são a base que sustenta a vida em nosso planeta, fornecendo os recursos essenciais que alimentam bilhões de pessoas todos os dias. Eles conectam produtores e consumidores em uma teia complexa que influencia economias, culturas e ecossistemas ao redor do mundo. No entanto, por trás dessa função vital, existem impactos ocultos que muitas vezes passam despercebidos.

Tais impactos, muitas vezes chamados de custos invisíveis ou externalidades, referem-se aos efeitos que os sistemas alimentares exercem sobre a saúde humana, o meio ambiente e o bem-estar social, mas que não são contabilizados nos preços dos produtos que consumimos. Esses efeitos, muitas vezes profundos, são frequentemente ignorados porque não aparecem diretamente nas decisões econômicas ou nos preços de mercado.

Os custos invisíveis incluem o tratamento de doenças, como obesidade e diabetes, associadas à alimentação, aos danos ambientais causados pela poluição de solos e águas, e às desigualdades sociais agravadas por condições precárias de trabalho no campo. Esses exemplos mostram como os impactos ocultos vão além dos preços pagos, exigindo ações para mitigar seus efeitos e promover a sustentabilidade.

A complexidade e a urgência de abordar os impactos ocultos dos sistemas alimentares são temas centrais do estudo *O Estado da Alimentação e*



A Síria e a geopolítica do Oriente Próximo



» PIO PENNA FILHO
Professor do Instituto de
Relações Internacionais da
Universidade de Brasília (UnB)

Os recentes acontecimentos na Síria colocam em estado crítico a geopolítica de praticamente todo o Oriente Próximo. Muitos atores regionais estão direta ou indiretamente envolvidos na longa crise que levou ao fim a tirania de Bashar al-Assad. Além da atuação de diversos grupos internos, muitos deles inimigos viscerais, a ação de atores externos impõe novos e complexos desafios para a estabilidade do país.

Irã e Hezbollah eram os dois principais apoiadores do regime de Assad. Ambos, portanto, perdem um aliado importante na luta que travam contra o Estado de Israel. É correto que a Síria não contava com forças armadas bem treinadas e equipadas — ou seja, o país não significava um risco direto para Israel. Mas a atuação de forças iranianas e membros do Hezbollah em seu território constituía uma ameaça real para o Estado judeico. Nesse sentido, e pelo menos por enquanto, Israel é um dos atores regionais beneficiados pela queda da ditadura síria.

As ações do governo israelense, que bombardeou intensamente o que restou da capacidade militar do antigo regime sírio, demonstram sua preocupação com o futuro próximo. Além dos ataques aéreos, Israel ocupou partes das colinas de Golã e afirmou que pretende

manter essa ocupação para a própria defesa.

O Irã perdeu um aliado importante em suas disputas com o Estado de Israel. A Síria, sob Assad, permitia a presença de partes do Exército iraniano, principalmente da Guarda Revolucionária. É claro que essa permissão visava também à manutenção do próprio regime sírio. Vale lembrar que o Irã é um dos maiores inimigos de Israel na atualidade.

O Hezbollah talvez seja, depois de Bashar al-Assad, o grande perdedor com a defenestração do antigo regime sírio. Há muitos anos o Hezbollah estava ativo no país, com presença militar importante combatendo ao lado do Exército sírio. Dessa forma, esse movimento radical perde um importante aliado que o conectava diretamente ao Irã, favorecendo sua logística na obtenção de armas e munições provenientes desse país.

Outro vizinho da Síria, o Iraque, é candidato forte a sofrer algumas consequências das mudanças no regime sírio. Um número considerável de soldados sírios que desertaram nos dois últimos dias do avanço do movimento Hayat Tahrir al Sham (HTS), que culminou com a tomada da capital Damasco, se dirigiu para o Iraque. Aliás, o Iraque já possui grandes problemas de divisões internas e da atuação de diversos grupos considerados radicais. Pensar que o Estado iraquiano detém o controle do país é um verdadeiro devaneio.

A Turquia, que compartilha extensa fronteira com a Síria, é considerada por analistas internacionais como uma das grandes vitoriosas com o fim do regime de Assad. Interessa a Turquia estabilidade no país vizinho e o retorno de cerca de três milhões de refugiados sírios que se

encontram em território turco. Além disso, com a derrota de Bashar al-Assad, a Turquia se coloca entre os países com mais credenciais para influenciar o novo governo da Síria.

Mas, além dos atores regionais, outros países estão diretamente envolvidos na questão síria. Os mais importantes são os Estados Unidos e a Rússia. Ambos mantêm tropas e interesses geopolíticos na região. Os Estados Unidos apoiam o movimento denominado Forças Democráticas da Síria, que conta com relevante presença curda; a Rússia, por sua vez, apoiava o governo de Bashar al-Assad.

Essas duas grandes potências militares estão ainda hoje presentes no território sírio. Há uma grande dúvida se a Rússia conseguirá manter sua base naval e aérea, haja vista que o fim do regime claramente prejudicou seus interesses militares diretos no país. Dessa forma, é uma incógnita se a presença russa continuará no país.

Os Estados Unidos também mantêm tropas na Síria. Como estava distante do governo Assad, é possível que sua presença militar não seja tão abalada quanto a da Rússia. Entretanto, assistem aos acontecimentos com certa apreensão, uma vez que o cenário político e militar na Síria é muito instável. Não foi à toa que o principal aliado dos Estados Unidos na região resolveu atacar a Síria mesmo após o fim da ditadura de Bashar al-Assad.

Enfim, o mundo está diante de um conflito que não terminou e que pode gerar sérias consequências para as relações regionais e internacionais. O fim da ditadura de Bashar al-Assad, por si só, apesar de ser uma notícia alvissareira, não significa paz e estabilidade numa das regiões mais conflituosas do planeta.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))



circecunha.df@dabr.com.br

Enquanto o mundo é gentil

Principalmente em fóruns internacionais, onde as mídias sociais interligadas mostram, em tempo real, para todo o mundo que andamos ainda, desde o século 16, em círculos, em busca de uma identidade como nação, poupe-nos dos vexames e não deixéis que nossas autoridades caiam em tentação de acharem que são mais espertas do que o resto do mundo. Livra-os também do vício da mentira. E não permita que cenas patéticas, de choro sem sentimentos, criem, no imaginário do mundo, uma ideia errada do que somos como povo.

Orando dessa forma, quem sabe, Deus e o mundo possam nos redimir da falta de compromisso e seriedade com que nossos representantes encaram as mais urgentes agendas e compromissos globais. Pior é que, para não ficar feio e desleigante, o mundo finge acreditar.

No íntimo, o mundo sabe que nossa floresta tropical, por sua imensidão territorial e pela falta de zelo histórico com que cuidamos desse patrimônio, pertence tanto ao Estado brasileiro quanto a centenas de ONGs que agem no local, como aos madeireiros financiados por indústrias internacionais, aos garimpeiros, aos contrabandistas de espécies vegetais e minerais, às mineradoras multinacionais, às facções criminosas que operam naquela região e a muitos outros parasitas que por aquelas bandas vagueiam em busca de riqueza fácil.

A Amazônia é do mundo. Caiu na vida. É uma espécie de Geni verde. Só os satélites mostram a situação com precisão. Quase um quinto da Floresta Amazônica já desapareceu e apresenta hoje uma realidade quase irreversível. Ainda assim, as motosserras não param de zunir dia após dia. O mundo sabe desse problema e o compara com o que dizem nossas autoridades dos altos das tribunas. E não adianta culpar os fenômenos da natureza.

Discursos para o mundo, com promessas de que a onda de desmatamento cessará em 2030, juntamente com a Agenda da ONU, não encontram respaldo interno pelas condições precárias da economia do país e tão pouco conta com o entusiasmo das autoridades, muitas delas pouco afeitas às questões ambientais e aos desafios dessa natureza.

É preciso combinar, antes, com esses atores que lá estão dilapidando essas riquezas e com os políticos dessas regiões, que fingem nada saber. Mesmo diante de tantas promessas em favor de uma economia verde, bastou um convite, feito pelos xeques do petróleo no mundo, para que o Brasil, por meio da Petrobras, faça parte do grupo da Opep+ e para que os olhos de nossas autoridades brilhassem como ouro falcando e caísem as fantasias.

Com escritório em Cingapura, que atua no Oriente Médio e em outras regiões, como a China, a Índia e o Sudeste Asiático, a Petrobras opera com commodities petrolíferas. Às favas a preservação e as emissões de gases do efeito estufa, provocados pela queima de produtos fósseis. A adesão àqueles que representam os antipodas do combate aos efeitos estufa veio da forma mais singela e marota: “Acho importante a gente participar, porque a gente precisa convencer os países que produzem petróleo que eles precisam se preparar para o fim dos combustíveis fósseis, e se preparar significa aproveitar o dinheiro que eles lucram para fazer investimento... Porque se a gente não criar alternativa, a gente não vai poder dizer que vai acabar com os combustíveis fósseis”, disse o presidente.

A frase que foi pronunciada:

“Não podemos fingir que há algo como petróleo verde”

James Gooder

Burocracia

» Ainda há, no serviço ao público brasileiro, aquele sorriso mefistofélico em dizer que a documentação está incompleta, que não há atendimento naquele local, que nesse caso a unidade é outra... O portal Reclame Aqui é uma arma poderosa.

Atraso

» Nada do Registro de Identidade do Cidadão. Na verdade, o brasileiro pode tirar uma carteira de identidade em cada estado do país com um número diferente.

» História de Brasília

Atitudes de homens de bem que não pactuam com desonestidades. Essa decisão mostra que a cidade foi construída com entusiasmo patriótico, e não para fins de aproveitamento. Agora, quando surgem os desonestos, é preciso que se apure tudo até o fim, para que não se jogue lama em nomes que não merecem, e que valgem pelo muito que deram na construção da cidade. (Publicada em 27/3/1962)